

de corridas. Num primeiro momento, discutiremos a noção de trabalho algorítmico (ROSENBLAT; STARK, 2016), apontando de que forma o monitoramento e gerenciamento automatizados dos motoristas permite a administração da força de trabalho individual e coletiva. Posteriormente, localizaremos o trabalho algorítmico na racionalidade das sociedades de controle (DELEUZE, 2013), tendo em vista o controle modular ao qual os motoristas são submetidos conforme se deslocam em espaço aberto e são continuamente acompanhados por dispositivos de monitoramento: o celular e o aplicativo. Esta discussão é enriquecida pelas proposições de Galloway e Thacker (2007), que identificam a topologia das redes distribuídas como o diagrama dominante das sociedades de controle. Entendendo que tal topologia se replica na lógica de distribuição e controle empreendida pela Uber, apontamos a mediação algorítmica do Uber Driver como um elemento fundamental no gerenciamento da rede da qual participam os motoristas. Examinaremos essa mediação a partir do conceito de "protocolo" (GALLOWAY; THACKER, 2007), que descreve um dispositivo que simultaneamente distribui agências e concentra um controle rígido sobre a rede que distribui. Finalmente, abordaremos modos de resistência que surgem a partir da lógica protocolar, investigando como motoristas tensionam o protocolo e se valem do monitoramento de suas ações para explorar brechas no Uber Driver. Em suma, defendemos que a mediação tecnológica não é puramente técnica, mas também política, e implica tanto operações

de controle, quanto de resistência.

PLATAFORMAS E ALGORITMOS: notas sobre o controle e a subjetividade digital

Jackson da Silva Medeiros

Este trabalho, fomentado pelo CNPq (Processo 431367/2016-7), tem como objetivo estear elementos que permitam compreender, a partir de estudo teórico-conceitual, como ocorre a formação do sujeito em/a partir das plataformas digitais de comunicação, entendendo que isso abre caminhos para uma compreensão que vai além do poder de controle dos algoritmos e das plataformas, indo ao encontro de políticas que agem na formação do sujeito. Parte das plataformas digitais de comunicação e seus algoritmos, sem pretender excluir outros dispositivos eletrônicos que coletam dados, com a ideia de que empresas e Estados mantêm formas de controle e troca de dados, sejam para fins mercadológicos, de controle social e outros, além da capacidade de alicerçar a verdade com base em conteúdo "viralizado", criando disputas por cliques. Além disso, esses dispositivos são capazes de incorporar um discurso cultural, político, social, econômico, moral etc. que atua diretamente na formação do sujeito. Ou seja, baseiam-se em procedimentos controlados que coletam e oferecem dados a partir de processamento estatístico. Nossa empreitada se enquadra a partir das relações de poder que fabricam o sujeito com base um sistema dual: tecnologia e neoliberalismo. Assumimos, para tal, aproximações às compreensões de poder sistematizadas por Michel Foucault e Byung-Chul Han, bem como a

ideia de sociedade de controle de Gilles Deleuze. Entendemos que nossa abordagem pode buscar e traçar elementos que sistematizem a necessária e urgente discussão aprofundada sobre as micropolíticas que os dispositivos de experiência proporcionam aos indivíduos, fabricando-os como sujeitos.

**O (IM)POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE
PESSOAS E COISAS:
interligando pessoas, chatbots e
Internet das Coisas**

*Leila Jane Brum Lages Sena Guimarães
Eliane Cristina de Freitas Rocha*

Este artigo procura apresentar definições sobre as possibilidades de diálogo homem-máquina presentes nas tecnologias IoT (Internet of Things) e chatbots. Parte-se do pressuposto da conectividade contínua propiciada por estas tecnologias com seres humanos e objetos, forjando uma nova cultura intimamente ligada à ideia de interligação e inter-relação entre sujeitos, não necessariamente com bases dialógicas, mas em constante conexão com o ciberespaço, ambiente estimulador da construção de novas formas de subjetividade marcadas pelos traços da cultura contemporânea comentados por Deleuze e Guattari – cultura do efêmero, rizomática e mediatizada por formatos interativos. Adotou-se para este trabalho a pesquisa exploratória utilizando o método bibliográfico, por meio do estudo de filósofos como Wittgenstein, Baudrillard e Bauman, para iluminar a discussão sobre a lógica dos agentes e a lógica da comunicação humana. Com base em tais autores, e na compreensão das tecnologias envolvidas no estudo, considera-se que, na

questão situacional no diálogo entre um humano e a máquina, várias podem ser as aplicações delineadas por pseudos “diálogos” – extratos de problemas a serem resolvidos e seus cenários com soluções pré-configuradas. Dessa forma, perpetuam-se as aplicações de chats através de IoT em praticamente todas as áreas do cotidiano das pessoas. Em se tratando explicitamente na questão do diálogo entre humanos e máquinas, vale lembrar que se trata apenas de uma interação, uma vez que nesta conversação não existem ações conjuntas entre os comunicantes, nem conhecimentos linguísticos, nem culturais, nem tampouco processos de cooperação, típicos em um diálogo, ou um jogo de linguagem.

**O BIG DATA E A PRODUÇÃO DE
SUBJETIVIDADES NA VIGILÂNCIA
ALGORÍTMICA**

*Maria Rita Pereira Xavier
Alexsandro Galeno Araújo Dantas*

O presente artigo apresenta considerações sobre a formação do big data no capitalismo de vigilância, o intuito é analisar a sua potência de gerar conhecimentos subjetivos através do acúmulo massivo de dados. Os sistemas de classificação da vigilância digital seguem o caminho da classificação com vistas a governar condutas, através de uma taxonomia específica que é distinta dos procedimentos disciplinares. Os processos algorítmicos de vigilância seguem uma lógica própria que é iniciada nas plataformas online, como sites, aplicativos e redes sociais, de modo que, à princípio, a maior quantidade possível de vestígios e traços de dados seja coletada, para que no